

55 “Eu me emociono bastante, mas fui habituado a controlar o que estou sentindo”

se tratam com a naturalidade de antigos parceiros de botequim.

Jamais haverá rancores a separá-los. Mas nunca será restabelecida a dupla de outros tempos. Essas singularidades permitem que um fale do outro sem que os interlocutores descubram se o que ouvem é conselho ou crítica, palpíte afetoso ou admoestação irônica.

FH se recusa a dizer, antes que alguém o diga, que Lula anda chorando demais. Ouvida a frase, trata de confirmá-la sem vacilação, mas não se detém na constatação.

— Isso é sinal de cansaço, é a fadiga da campanha — diagnostica o presidente.

Ao diagnóstico, segue-se a receita de quem, sem ter tirado férias oficialmente, aprendeu a dublar o risco da exaustão aguda.

— Parece que Lula está com um problema de bursite no ombro, não é isso? — pergunta sem perguntar — Já disse a ele que deveria fazer essa pequena cirurgia e descansar quatro ou cinco dias. É perigoso assumir tão cansado um cargo que obriga a rotina extenuante.

Para alguns, FH está demonstrando uma elogiável preocupação com a saúde de Lula. Para outros, está avisando ao país que teremos um presidente muito chorão, depois de oito anos sob o comando de alguém parcimonioso em lágrimas.

— Eu me emociono bastante, mas fui habituado a controlar o que estou sentindo — reafirmou.

O presidente só chorou à vista de outros quando morreram Sérgio Motta e Luís Eduardo Magalhães. *Serjão*, no Ministério das Comunicações, foi um dos pilares na Era FH. O

deputado baiano, como presidente da Câmara e líder da bancada do governo, desempenhou papel fundamental na aprovação das grandes reformas. Mas ele chorava a morte de dois amigos, como choraria mais tarde a partida de outro velho companheiro, o assessor da presidência, Vilmar Faria.

— Não sou de chorar muito, não — reiterou FH.

Lula não parecia tão emotivo, e talvez não seja má idéia algum tempo de descanso. Mas a sugestão de FH já soava fantasiosa no mo-

mento em que foi transmitida ao JB. Àquela altura, o presidente eleito, embora oficiosamente empossado, ainda não concluía a montagem do Ministério. Um atraso considerável no cronograma original, que estabelecera para dezembro a passagem de Lula, acompanhado por integrantes do primeiro escalão, pelas paragens mais remotas do país.

Quem se preparava para viajar era Fernando Henrique Cardoso. De novo, agora pelos confins do Brasil.